

FUTEBOL E SOCIEDADE: RELATOS PÓS-NACIONAIS NO CINEMA ARGENTINO E EM CONTOS DE EDUARDO SACHERI

Vitor Lourenço Rodriguez Salgado (UFRJ)

Ramón LlopisGoig (2009) expõe o futebol, além de outros esportes, como um dos grandes mecanismos que ajudaram na formação do Estado-Nação enquanto “comunidade imaginada” (Anderson, 1993). O desenvolvimento da identificação atrelada à nação estaria fortemente ligado às representações de equipes que a simbolizam: “como espectáculo de masas, se constituyóen una *esfera pública ritualizada*, em la que se generaban representaciones acerca de lo nacional” (Llopis Goig, 2009, p. 8, grifo do autor). Observa-se que, no panorama atual, o relato identitário nacional perde parte de sua força diante de um cenário de subjetividades fragmentadas. O que vemos, com a fragmentação das relações, é a diluição desta ideia de nação, uma vez que se encontra, em parte, desassociada de seu principal operador – o Estado –, além de não abarcar, dentre todas as manifestações intersubjetivas, o potencial para reunir as diferenças culturais e transformá-las em sentimento de coletividade, servindo à pátria. O projeto de Estado, associado à homogeneização e unidade identitária nacionalista, se contrapõe aos múltiplos relatos de narradores e narradoras localizados nas esferas de microterritórios. Através das narrativas de futebol, grupos de sujeitos são representados em histórias de torcida ou de amigos que, muitas das vezes, se desvinculam ou assumem um valor maior do que a própria nação. Os modos de narrar o nacional se pluralizaram de modo que a unidade proposta pelo Estado fica em segundo plano: “mi equipo es más importante que cualquier selección” (Alabarces, 2009, p. 141). Em muitos relatos, a paixão por um clube ou a lealdade a um grupo de amigos que se reúne para jogar peladas no campinho se mostram como registros de pertencimento coletivizados que reformulam os sentidos pelos quais pessoas vivem em sociedade. Os ritos particulares praticados por grupos de torcedores, rotinas de bar, encontros na esquina ou no estádio superam o fator meramente descritivo das atividades e assinalam dinâmicas de interação e espaços de convívio e pertencimento, como a localidade do bairro, que pressupõem maneiras de organização específicas destes determinados microcosmos ou, como poderíamos chamar, destas determinadas *micronações*.

Inseridas num âmbito de “neotribalização” da sociedade, como propõe Michel Maffesoli, torcidas e grupos de amigos compartilham valores e códigos, produzindo um sentimento de identificação coletiva: “é neste quadro que se exprime a paixão, que as

crenças comuns são elaboradas, ou, simplesmente, que se procura a companhia ‘daqueles que pensam e que sentem como nós’” (1998, p. 18-19). Arjun Appadurai ajuda a enriquecer a discussão ao definir “comunidades de sentimento” como “un grupo que empieza a sentir e imaginar cosas en forma conjunta, como grupo” (2001, p. 23). Para o teórico indiano, a imaginação será de grande importância para entender as relações que se estabelecem entre grupos que se colocam identitariamente de forma diversa ao que a ideia de nação expressa. Não se trata de encarar as relações imaginadas a partir de suas conotações negativas, enquanto “falsas”, “supérfluas”, “irreais”, “fantasiosas”. O que está em foco aqui é o modo como grupos de sujeitos se relacionam, se reconhecem e se imaginam enquanto comunidade, refletindo “la imaginación como práctica social” (2001, p. 44-45).

Gayatri Spivak, da mesma forma que o teórico indiano, vinculará à imaginação um poder particular de alternar as esferas de significado que envolvem a formação do nacional. Ancorada numa proposta que tem como objetivo a “destrancendentalização do nacionalismo” (2010, p. 291), Spivak procura denunciar os mecanismos de Estado que atuam na construção de uma identidade e de um sentido de pertencimento associados ao território da nação. Para ela, o processo estaria invertido, isto é, a identificação territorial derivaria da condição de ser um sujeito nacional. Haveria uma naturalização do ser nacional que antecederia qualquer outra conexão particular entre sujeito e território. Os afetos territoriais, as amizades, a união do povo são constituídos primeiramente no plano discursivo da nação para que depois seja possível observar na prática social os reflexos da integração comunitária. A crítica reside exatamente no ponto em que os vínculos de pertencimento entre sujeito e território seriam formados anteriormente à ação de coesão nacionalista. Os nacionalismos, ao se apropriarem das relações de afeto partilhadas por sujeitos em um mesmo solo, “privativas não-derivadas”, segundo Spivak, naturalizam a identidade nacional e desconsideram as diversidades culturais dentro do espaço do Estado-Nação. Ao falar de uma “destrancendentalização do nacionalismo”, o que se pretende é desapropriar o Estado-Nação de seu mecanismo homogeneizante, na tentativa de devolver aos sujeitos a possibilidade de reler, revisar e redefinir a nação a partir das diferenças expressas através das microlocalidades. Ainda que o território, em matéria política, quase sempre seja encarado como um sinônimo de “território nacional”, a territorialidade desses grupos atua na dimensão posta por Marcelo Lopes de Souza, como “algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, no

sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto” (2001, p. 84).

A conexão entre as comunidades de indivíduos que se identificam a partir do futebol e o território do bairro é uma característica muito presente no contexto social argentino. Alejandro Fabbri sinaliza: “El amor a un club llega de pequeño, por gravitación familiar, de los amigos o de la zona donde uno vive” (2006, p. 13 apud Pimentel, 2014, p. 34). As relações desenvolvidas no âmbito local e doméstico entre familiares e amigos estruturam esse primeiro momento de territorialização do afeto e construção identitária do indivíduo (Pimentel, 2014). Dessa maneira, os sentidos de pertencimento compartilhados por sujeitos no microterritório são construídos juntamente a imaginários de grupos locais. Essa multiplicidade de relatos expressos na literatura e na prática do cotidiano dos mais diversos espaços sociais reflete um panorama de diferenças não abarcadas pelo relato identitário nacional – uno, homogeneizante, exclusivo e excludente. Assim, a partir de comunidades imaginadas locais poderíamos ler a coletividade de sujeitos ligados não tanto à nação, quanto ao seu microcosmo de interação particular. A paixão por um clube, a afiliação a um grupo de amigos ou amigas que disputam partidas semanais são exemplos de meios de sociabilidade que podem promover a coesão grupal, explicitando um caráter destrancendentalizador de nacionalismos. A forma é suplementar derridiana. Não se trata, aqui, de perguntar, a partir do nacional, como o afeto se propaga e articula o pertencimento ao território. O que propomos é observar como identidades podem dialogar para recompor uma nação que não se constituiria essencialmente, metafisicamente. A diferença enquanto um valor que indica um cenário pós-nacional. A constituição de micronações torna-se viável na medida em que reconhecemos, assim como Spivak, a apropriação do processo de identificação entre sujeito e território pelo Estado-Nação que desarticula a particularidade do vínculo afetivo sócio-espacial. No entanto, a conexão se mantém e, a partir dela, fazemos a leitura de espaços fragmentados, onde se estabelecem “tribos” e “comunidades de sentimento”, que se colocam como alternativa identitária frente à unidade do relato nacional. Retomando, Ramon Llopis-Goig (2009), da mesma forma que o futebol desempenhará um papel importante na construção dos nacionalismos, hoje torna-se possível, através dele, a desassociação direta com a nação, mediada por uma torcida de um clube ou pela relação de amizade que existe dentro de um grupo.

No ano 2000, Eduardo Sacheri, em sua primeira edição de contos de futebol, publica “Esperándolo a Tito”. O conto narra a história de um grupo de amigos que espera ansiosamente a volta de um dos integrantes que foi jogar futebol profissional na Europa: Tito. A aura de angústia permeia o texto que ressalta os laços afetivos territorializados desde a infância através da prática de disputar peladas com o mesmo time rival. No momento em que Tito é contratado por um time europeu, a falta do integrante-chave faz com que o grupo acumule nove anos de derrotas. A volta de Tito ativa as relações de pertencimento desta micronação. A memória afetiva dos amigos do bairro ao mesmo tempo em que contesta o deslocamento do personagem, permite que os laços sejam reavivados a partir do contato face-a-face promovido pelo desafio que estão prestes a jogar. Até então, a esperança de que Tito volte é mesclada com uma forte dose de ceticismo frente à longa viagem da Europa para a Argentina: “en serio pensaste que nos íbamos a tragar que El punto ése iba a venirse desde Europa para jugar al desafio?” (p. 8). Trata-se aqui da interseção entre o poder simbólico das relações entre os amigos, dado pela memória dos momentos compartilhados, dos gostos em comum, e também da necessidade material a que está atrelada a construção do imaginário do grupo pelo território.

No conto, o comprometimento encontra-se atrelado não à nação argentina, mas à tribo. Não interessa ao grupo se Tito vem representar a seleção nacional da Argentina ou se guarda seu amor à nação em solo estrangeiro. O que importa é que ele cumpra aquilo que prometeu a Carlos quando disse que apareceria para quebrar o jejum de nove anos sem vitórias. A promessa não possui um caráter patriótico e o rompimento do acordado pode acarretar na perda completa de vínculo com a tribo: “esa noche decidí que, si después me llamaba para decirme que el partido de allá era demasiado importante y que por eso no había podido cumplir, yo Le iba a decir que no se hiciera problema. Pero lo tenía decidido: *chau Tito, moríte em paz*” (Sacheri, 2000, p. 10). Mesmo que esteja do outro lado do oceano Atlântico, Tito preserva os valores do grupo com que partilhou diversas experiências na infância, assegurando que integraria o time nessa partida que tem como objetivo a reunião afetiva. À tribo, o valor estabelecido através do companheirismo demonstra um sentido de pertencimento que não se relaciona com as obrigações contratuais, referentes a um clube internacional, ou nacionais, a respeito da representação da pátria. Tito faz parte de um grupo que, nesse dado momento, se sobrepõe a diversos níveis sociais como família, trabalho, deveres civis etc. O imaginário desta tribo de amigos está atrelado a valores que, inclusive, não

pressupõem, direta e obrigatoriamente, as dinâmicas mercadológicas na construção dos níveis de pertencimento. Ainda que o relato se estruture a partir do processo global no qual Tito se insere, os traços de identificação do grupo de amigos se mantêm porque foram construídos a partir de códigos da infância, enraizados através do território e da memória compartilhada. (códigos muito particulares estruturam essa formação coletiva)

No livro *Lo raro empezó después*, Eduardo Sacheri publica “El golpe del Hormiga”. O conto, indiretamente, remonta o panorama histórico argentino a partir dos vinte anos em que o Club Atlético San Lorenzo deixou de ganhar um título nacional sequer. Os anos de glória que antecederam a conquista do último troféu da primeira divisão na temporada de 1973-1974 foram seguidos por uma má administração da presidência do clube. Nos anos de 1974 a 1979, endividamentos e uma profunda crise na diretoria fizeram com que o San Lorenzo fosse obrigado a vender seus terrenos para o governo militar. A grande perda histórica foi o estádio emblemático, localizado em Boedo, conhecido como “El Viejo Gasómetro”, que operava a ligação entre o território e a identidade da torcida. Embora houvesse a promessa de se tornar um grande centro comercial sob a organização dos militares, posteriormente, em 1981, o estádio foi vendido definitivamente à rede francesa *Carrefour*. A expropriação do estádio pelo governo ditatorial proporcionou um sentimento de grande mal-estar entre os torcedores e jogadores. Consequentemente, o trauma se estendeu ao bairro de Boedo e a suas imediações. A nação sanlorenzista, desde esse fato, é marcada pelo desejo de volta a Boedo, a seu antigo lar, imbuída de um tom muito saudosista e melancólico. A identificação com o território se perdeu num processo desterritorializador operado pelo Estado. Através de uma narrativa que expõe a loucura a que uma micronação de torcedores está disposta a chegar para ajudar seu time do coração, um grupo de amigos planeja um golpe que tem por objetivo trazer de volta a glória dos tempos passados ao clube. Envolto por um clima sombrio, numa “reunión de desquiciados”, o grupo escuta a proposta de Hormiga, que tem como base invadir o hipermercado Carrefour para roubar um punhado de terra, que simboliza o apego supersticioso ao território do antigo estádio. A argumentação de Hormiga, estruturada a partir dos sacrifícios que vem fazendo para que o projeto possa ser executado, reforça a ideia de dedicação motivada pela paixão clubista, uma paixão que envolve todos os integrantes e pode motivar um indivíduo “derecho como uma estaca” a colocar em prática um plano que pode, muito bem, estar fadado ao fracasso, levando todos à prisão. Como diz Juan Villoro:

Una vez elegido el club que determina el pulso de la sangre, no hay camino de regreso. Aunque se mencionan ejemplos en los que el raciocinio ha intervenido para mudar de entusiasmos, el fanático de raza no recusa a los suyos, así reciban golizas de escándalo. Es posible que el fútbol represente la última frontera legítima de la intransigencia emocional [...]. (2014, p. 18)

Villoro descreve traços muito marcantes na composição de uma torcida, formulados a partir do sangue e da emoção. A esfera de pertencimento à micronação suprime qualquer tipo de nacionalismo operado pelo Estado. Hormiga não se preocupa em ser preso, em exercer sua cidadania de forma plena, em invadir e depredar um patrimônio privado. A remodelação desses valores se dá no círculo de amigos e na torcida, sendo muito mais valioso para os integrantes desse grupo voltar a ver o San Lorenzo campeão da primeira divisão argentina. É uma dívida que carregam para si mesmos e para toda a nação torcedora.

O conto de Sacheri, ambientado no ano de 1994, cria uma alegoria com o objetivo de revisar a história não só de um clube, mas a história da Argentina e seus efeitos sociais. O golpe articulado por Hormiga representa uma reação ao amargor da derrota histórica sofrida pelo clube. Idelbar Avelar, retomando a discussão de Walter Benjamin, irá formular: “Lo alegórico se instaura, por tanto, no por recurso a un ‘sentido abstracto’, sino em la materialidade de una inscripción. [...] La alegoria es la cripta vuelta sentido de reminiscencia” (s.d., p. 7). O teórico propõe observar os cenários pós-ditatoriais na literatura, retomando a problemática em que se insere “la irreductibilidad del vínculo que une *alegoría* y *duelo*” (p. 7, grifo do autor). A característica alegórica da construção narrativa de Sacheri evidencia o duelo de uma torcida representada por um grupo de amigos que travam um embate simbólico com a história. A materialidade da inscrição narrativa se dá na mesma medida em que se encara a representação do conto como esse resíduo histórico de mal-estar que se arrastou durante vinte anos na memória de toda nação torcedora. A invasão do hipermercado pressupõe uma volta ao antigo lar, ao território que guarda ainda todas as marcas do passado glorioso do Club Atlético San Lorenzo, reforça a emergência privilegiada da imagem do estádio em relação à do hipermercado. O cadáver, como mostrará Avelar, passa por uma emblematização que configura a “paralización del tiempo, suspensión de la dialéctica diegética, resistencia a una resolución reconfortante” (s.d., p. 7). O Velho Gasômetro, enquanto imagem da ruína, surge como elemento central para entender a história argentina associada à história do clube, pois, como formula Walter Benjamin, “a história se fundiu concretamente com o cenário. Assim, a

história se configura não como processo de uma vida eterna, mas de uma decadência inevitável” (1986, p. 31).

A produção cinematográfica argentina já apresenta, tanto quanto a literária, algumas referências de obras criadas com o intuito de ler sujeitos através da relação que estabelecem com o futebol. No filme *El secreto de sus ojos* (2009), de Juan José Campanella, baseado na obra *La pregunta de sus ojos*, de Eduardo Sacheri, a incidência do futebol se dá na busca por Isidoro Gómez, estuprador e assassino de Liliana Colotto. Os personagens de Esposito e Sandoval, dois assistentes de gabinete jurídico, aspirantes a investigadores (poderíamos dizer pseudo-policiais), tentam reunir elementos que ajudariam a compor o perfil do fugitivo, até então desconhecido. A ausência de um padrão em referência ao arquivo jurídico torna o sujeito impossível de ser rastreado. Baseando-se na hipótese inicial de que o assassino teria uma proximidade afetiva com a vítima, Esposito e Sandoval investem suas atenções ao círculo de amigos e às imagens do passado de Liliana. Ao se certificarem, quase intuitivamente, de que Isidoro é o culpado, o futebol surge como elemento fundamental para a captura do indivíduo.

Ao momento em que os “investigadores” conseguem ter acesso às cartas que Isidoro enviava à tia, residente da pequena cidade de Chivilcoy, percebem a forte ligação do criminoso com o clube de futebol Racing de Avellaneda. As cartas exploram o universo do futebol e expressam as vontades e projetos de Isidoro através de uma codificação formada pelos jogadores e ex-jogadores da equipe: “Te juro que con lo que llovió quedé peor que *Oleniak* la vez aquella”, “Ya te voy a traer, vieja. Y vamos a hacer flor de yunta. No es lo mismo Anido que *Anido con Mesías*”, “Quédate tranquila vieja, en eso soy como *Manfredini* y no como *Bavastro*”¹ (grifos meus). O campo simbólico ativado pelo personagem fornece a Esposito e Sandoval a chave necessária para encontrá-lo. A decodificação dos elementos discursivos contidos nas cartas reflete uma identidade formulada através da paixão clubista, ressaltando níveis afetivos que vão desde a família, na qual se compartilham os mesmos conhecimentos sobre os jogadores, até o âmbito individual, a partir do qual se notam traços de uma subjetividade marcada pela história do clube.

Memória e afeição dialogam e compõem as bases nas quais se apoia a formação identitária do indivíduo. Ainda que haja o distanciamento espacial entre Isidoro e a tia, a manutenção do vínculo familiar operada pelas cartas remonta signos mutuamente

¹Trechos retirados do roteiro de *El secreto de sus ojos*, disponível em: <http://www.docfoc.com/cine-3-guion-el-secreto-de-sus-ojos>.

compreendidos. Isso configura algo semelhante ao que Maffesoli chama de “nebulosa afetiva” (1998): uma espécie de nuvem de sentimentos que ajuda a construir o imaginário compartilhado entre os membros de um grupo, dando a ele um sentido de comunidade. Aqui, vale ressaltar que não só no círculo familiar, mas entre aqueles que compõem a torcida apaixonada pelo Racing Club os mesmos nomes, símbolos e memórias ligadas à equipe estruturam sentidos de pertencimento que se apresentam como formas de sociabilidade. Nesse sentido, embora uma “nebulosa afetiva” se assente sobre os contatos face-a-face, ela não se restringe ao materialismo do encontro, podendo adquirir uma continuidade simbólica entre aqueles que partilhem o mesmo afeto.

O encontro entre Esposito, Sandoval e Isidoro ocorre numa partida disputada pelo Racing. Certas práticas do futebol, como ir ao estádio, funcionam como algo que “ritualiza la pasión” (Villoro, 2014, p. 25). Depois de diversas tentativas em estádios diferentes, os perseguidores encontram seu alvo entre a nação de torcedores e ali é detido. Partindo do desfecho emblemático dado pela fala de Sandoval, podemos entender que uma parcela do universo de Isidoro é composta por hábitos e ritos ligados à paixão pelo clube, podendo oferecer à investigação características do procurado que, momentaneamente, tornam o encontro cara-a-cara possível: “El tipo puede cambiar de todo. Puede cambiar de cara, de casa, de documento, de trabajo, de vida, de amigos, de familia. Pero hay una cosa que el tipo no puede cambiar...No puede cambiar de pasión”²

Em outra produção do cinema argentino, *El camino de San Diego* (2006), de Carlos Sorín, Tati Benitez, madeireiro, morador da província de Misiones, realiza uma viagem até Buenos Aires para entregar ao adoecido Maradona uma raiz de árvore que se assemelha à imagem do ídolo comemorando o “gol do século” contra a Inglaterra nas quartas de final da copa de 1986. O presente funcionaria como um tipo de amuleto com a finalidade de ajudar na recuperação do histórico jogador. A partir do personagem de Tati, pode-se observar certas tensões sociais que envolvem o centro e as margens e o modo como a ideia de nação argentina se modifica desde a construção do herói até as repercussões culturais proporcionadas pelos discursos midiáticos no início do século XXI.

O madeireiro articula elementos identitários ligados ao eterno camisa 10 argentino para formular seu sentido de mundo, compondo algo semelhante ao que

²Disponível em: <http://www.docfoc.com/cine-3-guion-el-secreto-de-sus-ojos>.

Villoro chama “diegodependencia” (2014): uma camisa da seleção campeão de 1986 que não sai de seu corpo, atuando de forma semelhante a um uniforme; uma tatuagem do número 10 nas costas; inúmeras imagens do jogador coladas nas paredes da casa onde vive. Maradona, como símbolo de superação social, vindo de uma origem pobre que consegue o sucesso através do esporte, promove um sentido de pertencimento que aglutina sujeitos. Interpelado pelo relato da pátria de chuteiras, Tati emerge como um diferencial na enunciação do discurso, conferindo “o surgimento de uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedades que operam que operam simultaneamente em nossa sociedade” (Martín-Barbero, 2008, p. 262). O trânsito espacial realizado pelo provinciano apresenta cenários de uma argentina que não se encontram nos cartões postais. Há uma pluralidade de espaços e sujeitos que evidenciam um panorama de diferenças culturais não contempladas pelo homogeneizante discurso nacionalista.

A representação da nação pela trajetória de Tati reformula os sentidos através dos quais ela própria se funda. Homi Bhabha, ao teorizar sobre as novas maneiras de narrar o nacional a partir de integrantes das margens sociais, ressalta que “sua emergência depende de um tipo de eclipse social; seu poder de transformação depende do fato de estarem deslocados historicamente” (1998, p. 210). O teórico volta seus olhos para o interior do espaço-nação, observando a descontinuidade no significado de povo enquanto uma reunião homogênea de indivíduos. O ato de narrar desde as margens estaria vinculado a uma cisão na atemporalidade sobre a qual a nação se propaga e se projeta de modo essencial e natural. Nesse sentido, o personagem de Tati, ao se apropriar de um grande símbolo constitutivo da nação argentina como Maradona, não só narra a partir de um outro lugar, mas abre uma possibilidade de desmonumentalização da pátria, expondo as particularidades de uma argentina frequentemente esquecida e excluída das representações provenientes do grande relato nacional. O cotidiano dos madeireiros da província de Misiones, as práticas para diversão entre os amigos, a rotina familiar dentro de um povoado, as dinâmicas das interações entre indivíduos que passam grande parte da sua vida nas estradas: vendedores ambulantes, caminhoneiros, prostitutas. Todos estes elementos e personagens compõem os mais variados cenários explorados pelo filme e refletem, como Bhabha assinala, uma disjunção narrativa da nação, que se interpõe sobre a imagem cristalizada da pátria e se estabelece numa temporalidade que permite a destrancentalização do nacional.

As quatro produções abordadas neste trabalho giram em torno de espaços sociais em que os círculos afetivos são mediados pela presença do futebol. A presença da marca espaço-temporal e o modo como se articulam sujeitos e grupos de sujeitos dentro de um território são de fundamental importância para a compreensão das dinâmicas sociais sobre as quais se inscrevem as diferenças culturais. As tensões internas à pátria entre a abrangência da concepção de território nacional e suas microlocalidades propiciam um debate amplo, demonstrando que não há irredutibilidade quanto às representações da nação. Tribos e comunidades afetivas de amigos ou torcedores desempenham papéis centrais nos novos modos de narrar o cotidiano ou as práticas de um povo, que não se coloca aqui enquanto uma estrutura homogeneizada e homogeneizante.

A visibilidade de outras atmosferas sociais, organizações comunitárias e parcelas não representadas é de extrema importância para (re)compor e (re)significar as imagens que frequentam o imaginário de uma nação e, assim, proporcionar leituras críticas sobre sua amplitude e unitarismo.

Bibliografia:

ALBARCES, Pablo. Fútbol y Patria, una vez más. El relato nacionalista del fútbol argentino tras la crisis de 2001. In: LLOPIS GOIG, org. *Fútbol postnacional: transformaciones sociales y culturales del “deporte global” en Europa y América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009, p. 141-151.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. Trad. Eduardo L. Suárez. México: Fondo Cultura Económica, 1993.

APPADURAI, Arjun. *La modernidad desbordada: dimensiones culturales de la globalización*. Trad. Gustavo Remedi. Montevideo / Buenos Aires: Ediciones Trilce, Fondo de Cultura Económica, 2001.

AVELAR, Idelbar. *Alegorías de la derrota: la ficción postditatorial y el trabajo del duelo*. Disponível em: www.philosophia.cl / Escuela de Filosofía de la Universidad ARCIS, s.d..

BENJAMIN, Walter. *Documentos de cultura, documentos de barbarie: escritos escolhidos*. Seleção e apresentação Willie Bolle. Trad. Celeste H. M. Ribeiro de Sousa et al. São Paulo: Cultrix, Ed. da USP, 1986.

FABBRI, Alejandro. *El nacimiento de una pasión: historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2006.

LLOPIS GOIG, Ramón. Fútbol, culturas nacionales y globalización. Perspectivas europeas y latinoamericanas. In: LLOPIS GOIG, org. *Fútbol postnacional: transformaciones sociales y culturales del “deporte global” en Europa y América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

PIMENTEL, Ary. Torcedores de futebol e identidade pós-nacional na nova narrativa argentina. In: *Revista Interfaces*. UFRJ, Centro de Artes e Letras, Ano 20, nº 20 (janeiro-junho 2014). Rio de Janeiro: UFRJ/CLA, 2014, p. 28-47.

SACHERI, Eduardo. Esperándolo a Tito. In: *Esperándolo a Tito y otros cuentos de fútbol*. 8a. Reim. Buenos Aires: Galerna, 2000, p. 7-13.

_____. El Golpe del Hormiga. In: *Lo raro empezó después: cuentos de fútbol y otros relatos*. 1ª ed. 7ª reim. Buenos Aires: Galerna, 2008, p. 63-76.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 77-116.

SPIVAK, Gayatri. Nationalism and the imagination. In: *An Aesthetic education in the era of globalization*. Cambridge: Harvard University Press, 2012, p. 275- 300.

VILLORO, Juan. *Dios es redondo*. 2ª ed. Barcelona: Anagrama, 2014.

Corpus cinematográfico:

El secreto de sus ojos. Direção de Juan José Campanella e roteiro co-escrito com Eduardo Sacheri. Produção de Gerardo Herrero. Baseado na obra literária *La pregunta de sus ojos*, escrita por Eduardo Sacheri. Distribuído por *Distribution Company*, 2009.

El camino de San Diego. Direção e roteiro de Carlos Sorín. Distribuído por *Guacamole Films*, 2006.